

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JUNHO/2008 - ANO XII - Nº 137

Fotos arquivo Pro-Memória

EDITORIAL

O bicentenário da imprensa no Brasil está sendo comemorado este mês. Ela aqui chegou na bagagem da família real portuguesa, que havia sido expulsa de Lisboa por tropas de Napoleão Bonaparte. O Brasil acabara de acomodar, no Rio de Janeiro, D. João VI com sua corte, e vivia os efeitos das mudanças que sacudiam a Europa, quando, em 1º de junho de 1808, houve o lançamento do “Correio Braziliense”.

Os jornais surgem nesse ambiente de efervescência política e econômica e se tornam importantes no embate de idéias.

Após duzentos anos, numa retrospectiva histórica, vemos os jornais passando por diferentes fases, mas sempre buscando dar voz a diferentes grupos sociais ou com caráter panfletário. Na maioria das vezes, temos a imprensa como incentivadora da liberdade, dos direitos do povo, da conscientização política e do fim das injustiças sociais.

Por meio da imprensa podemos traçar um panorama da história do país sob diversos aspectos – social, político e econômico.

Nos últimos anos, ganhou projeção a imprensa investigativa, que tem prestado grande serviço à sociedade. Com ela, a população toma ciência de desmandos e corrupção envolvendo autoridades. Causa assombro esse problema, uma vez que o dinheiro desviado por superfaturamento de obras ou sonegação de impostos deixa de ser investido em educação, saúde pública, saneamento básico e em outros setores. Assim, a imprensa ganha destaque ao escancarar as entranhas do poder, fazendo com que a opinião pública cobre justiça responsabilizando corruptos e corruptores. Hoje, mais do que nunca, o Brasil depende da ética na imprensa. A opinião pública espera que a mídia, apoiada no crescente aproveitamento de seus recursos humanos, prossiga no seu ânimo investigativo. Só um jornal comprometido com a verdade evitará que tudo acabe num jogo de faz-de-conta. Um “jornalismo cor-de-rosa”, no qual pagando se publica o que interessa ao poder, confunde os leitores. A imprensa responsável, desvinculada de políticas e correntes, vem buscando desempenhar importante papel na recuperação da ética e colaborando para informar e formar cidadãos.



Preservar os remanescentes de Mata Atlântica em Piquete deve ser uma meta para sua comunidade. Combinar qualidade de vida e desenvolvimento sustentável com cidadania é um desafio a ser encarado por todos preocupados com o futuro do planeta.

Cidadania Ambiental

Comemorou-se no dia 5 de junho o Dia Mundial do Meio Ambiente. Essa data nos convida a refletir sobre o tratamento dado à natureza que, nas últimas décadas, tem demonstrado evidentes sinais de desgaste e frequentemente se voltado contra nós mesmos. As provas estão aí. Volta e meia, os noticiários relatam transtornos ambientais decorrentes do aquecimento do planeta: chuvas torrenciais e enchentes com desmoronamento de encostas e soterramento de casas, secas prolongadas, temperaturas acima da média e outras alterações climáticas. Conseqüentemente, fome e doenças tendem a aumentar em todo o mundo. Para mudar esse quadro precisamos ter consciência ecológica, e, sobretudo, agir.

O município de Piquete, que neste mês faz aniversário, se destaca pela paisagem mantiqueira. Esta serra, que corta a cidade, abriga em suas encostas milhares de espécies de animais, plantas e microorganismos. Muitas delas ainda não descobertas pela ciência. A riqueza natural encontrada na Mata Atlântica contribui para que esse conjunto de ecossistemas seja considerado um dos mais importantes refúgios da biodiversidade em todo o planeta.

Entretanto, ao longo da ocupação humana do Vale do Paraíba, o impacto da colonização, da expansão imobiliária e da urbanização sem controle tem provocado um quadro dramático, restando muito pouco da cobertura vegetal primitiva. Há dez anos, em Piquete, a Fundação Christiano Rosa realiza ações voltadas para conscientização e recuperação dessa mata. Em parceria com a FPV/IMBEL, vem desenvolvendo um

projeto de revegetação de mata ciliar na bacia do ribeirão da Limeira. Mais de 30mil mudas de noventa espécies da Mata Atlântica já foram plantadas. Esse trabalho se faz tendo em vista que, se não forem garantidas a proteção e recuperação de nossas encostas e nascentes, ocorrerá o comprometimento da produção de água para abastecimento. Assistimos, nas últimas décadas, à redução do volume de água de nossos rios. O processo de degradação ambiental é rápido; para revertê-lo, precisamos enviar esforços na mesma velocidade. Só recentemente, em conseqüência do aquecimento global, é que a população passou a se interessar por essa questão. O papel dos meios de comunicação como veículo de informar e educar torna-se cada vez mais importante. Fala-se, hoje, em cidadania ambiental. Originalmente restrita ao movimento ambientalista, a questão ambiental é, hoje, tema obrigatório nos mais diversos segmentos de opinião. Essa assertiva pode ser evidenciada pela observação das agendas de Chefes de Estado, ONGs, grupos tradicionais, grupos rurais e urbanos, sindicatos, empresas, associações comunitárias e administrações públicas. O motivo principal da luta pela preservação da natureza ter conquistado tamanha magnitude é a crise socioambiental sem precedentes que atinge o planeta. Essa crise precisa ser enfrentada por toda a humanidade; e é de tal ordem, que poucos colocam em dúvida que a biosfera esteja integralmente ameaçada. Diante da magnitude dos problemas ecológicos, vale lembrar que é nas atitudes individuais que mora a semente do comportamento coletivo.

Imagem - Memória



Foto arquivo Pro-Memória

“Toninho Piraí e seus Seresteiros”: Geraldo Lemes, Nélson Quebra-faca, Fio Inácio, Sebastiao Piraí, Toninho Piraí e Zezinho Barbeiro em apresentação no dia das mães de 1969, no Grêmio General Carneiro. Piquete teve grandes seresteiros. Se as serestas não são tão freqüentes, os acordes das serenatas, como nos antigos tempos, ainda atraem a atenção de muitos.

Serenatas e seresteiros

Nossa Piquete já foi mais romântica. No passado, a população cultivava uma prática que quase não existe mais – a serenata. A cidade era menor, todos se conheciam. Nossos boêmios, com certa freqüência, se reuniam em algum tradicional bar, na entrada da cidade, e depois de “esquentarem” a garganta e os instrumentos, percorriam as ruas “Piquete acima” executando suas músicas e dolentes canções. Muitos, sentindo-se homenageados, saíam à janela para aplaudir. Outros não apareciam. Mas ouviam, embevecidos, de dentro de casa. E nossos boêmios prosseguiram... Ao chegarem ao fim da cidade, paravam de andar, mas não de cantar, retornando com os primeiros raios de sol. Ao som de violão, cavaquinho, bandolim, saxofone e sanfona, muitas juras de amor foram feitas...

Piquete teve grandes seresteiros. Se as serestas não são tão freqüentes como no passado, um grupo de seresteiros liderado por Toninho Piraí ainda persiste. Vez ou outra, percorre as ruas da cidade tocando e cantando para deleite de todos. Os acordes melodiosos das serenatas, como nos antigos tempos, ainda atraem a atenção de muitos, que se somam ao grupo e saem cantando pelas ruas da cidade.

Serenata foi um nome surgido no início do século 20, no Rio de Janeiro, para batizar a mais antiga tradição de cantoria popular das cidades: o ato de cantar canções de caráter sentimental à noite, pelas ruas, com

paradas obrigatórias diante das casas das namoradas.

A serenata já aparece descrita em 1555, em Portugal, por Gil Vicente, na farsa “Quem tem farelos”. No Brasil, o costume das serenatas já é descrito no século 18, pelo viajante francês Le Gentil de la Barbinais. De passagem por Salvador, em 1717, Le Gentil narra em seu livro “Nouveau voyage au tour du monde” que “à noite só se ouviam os tristes acordes das violas” tocadas por portugueses a passear “debaixo dos balcões, de suas amadas” cantando de instrumento em punho, com “voz ridiculamente terna”. Mais compreensivo, outro francês, o estudioso de literatura luso-brasileira, Ferdinand Denis, registraria num livro de 1826 que “gente simples, trabalhadores, percorrem as ruas à noite repetindo modinhas convenientes, que não se consegue ouvir sem emoção”.

Com o passar do tempo, houve transformação dessa modinha em canção sentimental típica das cidades, popularizando-se em serenatas acompanhadas por músicos de choro à base de flauta, violão, cavaquinho; e os cantores, com voz apropriada ao sentimentalismo de serenatas ou de serestas, transformaram-se em seresteiros.

No passado tivemos em Piquete grandes apreciadores desse gênero musical: Henrique Maziero, Joaquim Augusto, Antônio Viana, José Maria, Cocó, Benedito Dentista... Mais tarde, Pedro Ferreira, Benedito

Carvalho, José Ferreira, Marcelo, Geraldo Lemes, Sebastião Piraí, Zezinho Barbeiro, Fio Inácio, Nelson Quebra-faca, Dito Bom-cabelo e outros... A escolha do repertório ficava a gosto dos apreciadores. O que predominava era a linha melódica romântica, suave, envolvente... Mas podia encontrar-se nas serestas vários ritmos que, com arranjos adaptados, caíam no agrado popular.

Percorrendo as ruas de Piquete, esses andarilhos noturnos, sob um céu salpicado de estrelas, paravam em determinadas casas e cantavam. Muitos jovens apaixonados seguiam os cancioneiros que, em cada época, formavam novas gerações. Esse era um tempo que, por detrás das janelas, entre cortinas, tímidas escondiam-se as namoradas dos boêmios e, após a homenagem, voltavam a sonhar.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem:

1000 exemplares

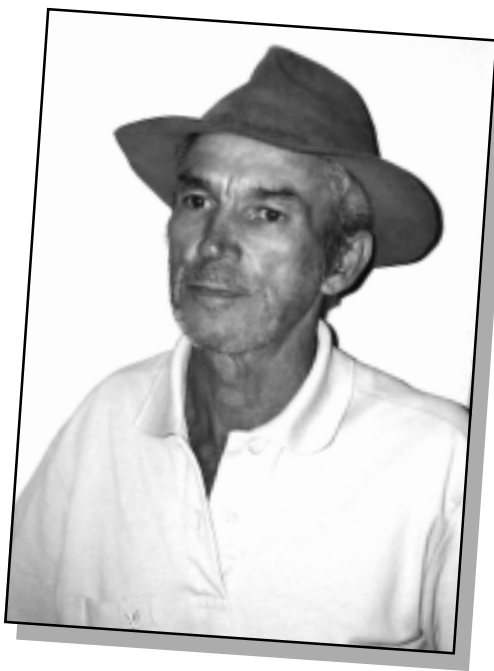
A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Toninho Pirai

Ele nasceu Antônio Porfírio da Silva, no bairro da Vargem Grande, em Piquete, em 8 de maio de 1948. É um dos sete filhos do casal José Porfírio da Silva e Sophia Maria de Jesus. O pai, operário da Fábrica Presidente Vargas, trabalhava na granja, e nas horas vagas, era um renomado pedreiro. Aos quatorze anos, Toninho Pirai passou a ajudar o pai e com ele aprendeu seu ofício, de maneira que, de servente e “meia colher” foi, em pouco tempo, promovido a pedreiro. Assim, com ajuda do pai, “homem de mil ofícios”, aos dezesseis anos ergueu sua primeira casa. Por essa época, empregou-se na quarta divisão da FPV, sob supervisão do mestre Juca Cláudio. Deixou a Fábrica para servir ao 5º RI de Lorena. Após dez meses como soldado, deu baixa no quartel, retornando ao trabalho na indústria, por poucos meses, pois, em 18 de agosto de 1969, foi contratado para trabalhar na construção da nova matriz de São Miguel, que já estava adiantada nessa época. O responsável geral pela obra era Antônio Dionísio, e o mestre de obras, Claudionor de Barros. A construção seguiu em ritmo acelerado. Contou com grande colaboração da FPV. Aos sábados e domingos, o major Pita Xavier, engenheiro responsável e chefe da quarta divisão, escalava seus funcionários para trabalhar “voluntariamente” nas obras da Matriz. O padre Pedro Verdumen era o vigário e o Dr. José Amoroso, chefe da comissão construtora. Toninho Pirai trabalhou por dois anos na Matriz. Deixando esse emprego, passou a trabalhar por conta própria, como pedreiro, na construção da Pousada do Barão, em São Francisco dos Campos do Jordão. Todos os dias, às 5h15min, partiam, ele e companheiros, da praça da matriz, num caminhão, para o alto da serra.

Paralelamente ao trabalho, Toninho sempre nutriu paixão pela música. Seresteiro, desde os oito anos toca violão. Aprendeu o básico com o pai e aprimorou-se com o tio, Sebastião Pirai, de modo que,



aos quatorze anos, passou a tocar em conjuntos. Em 1966, ele, Darci Jofre, Nelsinho, Cecílio e Valcir formaram o grupo “Os ases do ritmo”. Mantinham, na rádio de Piquete, cujos locutores eram Antunes e Carminho desenhista, um programa de uma hora. A rádio funcionava em casa do tenente Teobaldo, e o programa “Hora da Saudade” tinha grande audiência. O repertório incluía samba e choro. Toninho era o “crooner” do grupo. Segundo ele, as músicas mais pedidas eram “Professorinha”, “Chão de Estrelas”, “Modinha” e “Volta do Boêmio”... Em 1969, esse grupo passou a realizar serenatas. Nascia aí o “Toninho Pirai e seus Seresteiros”. A estréia foi na madrugada do dia das mães daquele ano. A partir de então, não pararam mais... Depois, o grupo contou com a participação de muitos músicos e cantores: Nelson Alves, Cordoval, Benedito Carvalho, Dalton e Benjamin Gonçalves, Joair...

Hoje, chega a contar com mais de vinte músicos, agora com uma nova geração: professor Gil, Marcelo, Donizete, Expedito Geraldo, Jorginho Cipriano... Todos os anos, cantam por toda a cidade, ao longo da madrugada do dia das mães...

Casado há 32 anos com Maria Auxiliadora Ramos da Silva, tem três filhos e espera, ansioso, a chegada da primeira neta. Toninho é sinônimo de seresta em Piquete. Conta que, por vezes, é contratado por algum apaixonado para fazer serenatas para a namorada. Quando é assim, diz, “vamos só ‘eu, a viola e Deus’...”

Toninho Pirai, à esquerda, e grupo de músicos...



Fotos arquivo Pro-Memória

Mata Atlântica: patrimônio da humanidade

A Mata Atlântica é formada por um complexo e exuberante conjunto de ecossistemas de grande importância, pois abriga parte da vasta biodiversidade encontrada no Brasil. Ela está distribuída ao longo da costa atlântica do país estendendo-se do Piauí ao Rio Grande do Sul.

A sua importância nos cenários nacional e internacional foi destacada quando trechos significativos desse conjunto de ecosistemas foram reconhecidos como Patrimônio Mundial pela ONU (Organização das Nações Unidas) e indicados como Sítios Naturais do Patrimônio e Reserva da Biosfera da Mata Atlântica pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). Além disso, foi considerada como Patrimônio Nacional na Constituição Federal de 1988.

Esta Mata originalmente cobria cerca de 15% da área territorial do Brasil (1.350.000 Km²), porém desde o período colonial vem sofrendo danos causados pelos processos de antropização. Uma gama de impactos foi gerada com os diferentes ciclos de exploração, como do ouro, da cana-de-açúcar e, posteriormente, do café. E, ao longo da construção histórica do país, novos ciclos de desenvolvimento foram instaurados, dando início ao processo de industrialização e conseqüente urbanização das áreas originalmente ocupadas pela Mata Atlântica.

O principal impacto gerado na Mata Atlântica pelo processo histórico brasileiro foi a drástica redução da vegetação nativa. Atualmente, esse bioma conta com 7,26% de sua área original e tornou-se um dos conjuntos de ecossistemas mais ameaçados de extinção. Diante desse quadro, é necessário que sejam feitas reflexões e ações positivas e imediatas em prol da proteção, restauração e conservação da Mata Atlântica.

Quanto a essa questão, o município de Piquete, graças às ações promovidas pela Fundação Christiano Rosa, com o apoio da Fábrica Presidente Vargas/IMBEL, e aos cidadãos conscientes, possui uma das maiores e melhores taxas de cobertura florestal nativa dentre os municípios valeparaibanos. Piquete possui 32% de seu território cobertos por vegetação nativa; em números, isso representa 5.573,08 hectares de Mata Atlântica preservados.

No mês do aniversário de nossa cidade devemos parabenizar a Fábrica, os cidadãos conscientes e a Fundação Christiano Rosa pelo comprometimento com a questão ambiental do município, pois grande parte da área de mata nativa está sob os cuidados da Fábrica e o restante sob os cuidados da comunidade e da sociedade civil organizada (FCR).

Santos, T.B.

O conceito de Nação – 2

O que se discute em Roraima?

Decreto presidencial determinou a demarcação contínua da terra indígena de 1,7 milhão de hectares, decisão que tem sofrido pressão por parte dos interessados em negócios de terras. A questão da posse de terras, cuja primeira lei é de 1850, proposta para resolver a questão pela disputa das heranças de sesmarias, acompanhadas das modificações posteriores, não conseguiu ainda controlar todas as questões nas quais se envolvem, não só as relativas à posse, como também as de ocupação, usos e destinos. A expansão da fronteira agrícola pelo Brasil Central e Amazônia demonstra-se por meio de ações dramatizadas entre posseiros, agricultores mecanizados, garimpeiros, mineradores, madeireiros e índios em luta, rumorosas ações jurídicas, ódios manifestos e muita dor e sofrimento.

O movimento ligado à candente questão das reservas conta com três argumentos consideráveis: o de que a presidência da República quer a demarcação como está; o de que o Ministério Público, representado pela Procuradoria Geral da República (PGR), apóia a manutenção da área demarcada em terras contínuas da Reserva Raposa Serra do Sol, apesar dos alegados prejuízos econômicos que Roraima poderia sofrer; e o da alegação de riscos para a soberania nacional. Estes, entretanto, não se sustentam por falta de comprovação. O que está em jogo é a obrigação da retirada dos agricultores não-índios, além da alegação de perda de parte do território estadual para a esfera do federal. Afinal, AGU – Advocacia Geral da União – confirma que a reserva é um direito antigo dos índios, sob a argumentação de que as terras são da União e não dos índios. Na verdade, são atribuídas ao usufruto dos índios. Para Roraima, significa “perda de área territorial de jurisdição estadual”, ou seja, o conceito nacional contra o do federativo. A legislação sobre terras da União não pertence à esfera estadual.

Por vias opostas e transversais, em Roraima, os índios se incorporam à chamada “sociedade mundial”, mesmo sem se integrarem à sociedade brasileira entendida como a do país propriamente dito, pois suas fronteiras ultrapassam a internacional e se emaranham num cipoal de organizações globalizadas e missões religiosas, não sem a presença das Forças Armadas na região das fronteiras para garantir os 7 % da área estadual onde vivem

vários grupos de índios: macuxi, ingaricó, taurepang, uapixana, entre outros.

A influência de vertentes religiosas, por sua vez, se manifestam para tornar mais complexas as relações. Notícias veiculadas

Comemoração da homologação da reserva Raposa Serra do Sol



por vários órgãos de imprensa divulgam a existência de uma divisão entre “índios católicos”, defensores da expulsão dos ocupantes não-índios, e “índios evangélicos”, defensores da permanência dos colonos: questão geopolítica e cultural permeada pelos interesses em jogo.

Afinal, Roraima, por definição, quanto à área indígena, ultrapassando a fronteira do país – entendido pela noção da territorialidade –, acaba inserida na concepção boliviana de Evo Morales, de uma Constituição multiculturalista “que nega a existência legítima da nação e demarca uma estrada jurídica para a emergência de diversas nações ancestrais”. Como retomar o conceito de “identidade original” dos indígenas? E nesse caso, a quem pertencem os resultados da mineração ou da genérica exploração dos recursos naturais?

Dessa forma, a intervenção do Estado para estabelecer fronteiras acaba “perturbada” pelo dispositivo legal e reconhecido por direito das “nações indígenas” segmentadas em reservas. De outro lado, como inferir a noção de uma nação entendida apenas na sua naturalidade de montanhas e vales fluviais se considerarmos que as nações são conotações inventadas a partir da esfera da política?

E ainda poderíamos perguntar: haveria no Brasil uma “nação afro-descendente” ao lado das “indígenas”? O filósofo Renan responderia que “nação é um plebiscito cotidiano”. Para o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, “no Brasil tudo é nação”. Bastaria para nós um conceito “racialista” para justificar a existência

glorificada da ancestralidade de sangue, e, por extensão, o de um projeto multiculturalista cancelando o imaginário da mestiçagem? Qual o conceito de nação que desejamos? A das multinacionais pós-modernas de índios globalizados, considerados, portanto, inseridos se portadores dos equipamentos qualificadores? Refiro-me ao aparelhamento eletro-eletrônico cada vez mais sofisticado, ou à das concepções como as de Rondon, reconhecendo o direito dos índios continuarem sendo índios, apesar dos contatos culturais em suas múltiplas representações?

Se essas questões não forem bem entendidas, deixarão o campo continuamente aberto para os estereótipos nos quais as diferenças não são reconhecidas, ou se o forem, poderão ser usadas para alimentar idéias pré-concebidas qualificadoras de índio como “inferior, a ser civilizado”, “domado”, “escravizado” e até morto, como se fizeram nas velhas campanhas da eugenia em nome do “branqueamento” e do processo civilizatório. Idéias aliadas a uma visão de progresso, segundo a qual tudo o que impede o seu avanço deve ser destruído. Mas, como “integrar” os índios à sociedade nacional, não como peões semi-escravizados, nem como miseráveis? E sem mantê-los rotulados como incapazes e preguiçosos? Mudar essa maneira de ver torna-se necessário. Isto é, admitir a alteridade. Olhar o outro como o outro, e não como estranho. Um consistente plano educacional deveria estar na base desse questionamento – o de evitar a exclusão e o preconceito.

Finalmente, Chronos, o senhor do tempo, compressor, com a boca desmesurada devora tudo, e nem os restos sobram, tornados adubos da energia criadora. Principalmente se a lógica da diferença como exclusão prevalecer e continuar sendo tomada pelo seu lado perverso.

É o que desejam os invasores, os rizicultores ou arrozeiros, por exemplo, que começaram a comprar terras de forma ilegal depois que a Reserva Raposa Serra do Sol já tinha sido declarada território indígena. A questão torna-se cada vez mais intrínseca, pois os próprios oito deputados federais do Estado de Roraima apresentaram, recentemente, projetos para suspender a portaria que criou a reserva.

Dóli de Castro Ferreira

Notas da Cidade

✓ O IEV (Instituto de Estudos Valeparaibanos) estará comemorando 35 de existência no dia 28/06, às 15h, no Museu Frei Galvão, em Guaratinguetá.

Na ocasião, o Museu homenageará a memória do professor José Luiz Pasin, um dos idealizadores deste Instituto, com uma exposição de fotografias de suas múltiplas atividades e o IEV entregará a Aristides Arthur Sofiatti Neto a Distinção Ecológica “José Luiz Pasin” criada e conferida por sua diretoria.

✓ O professor Ércio Molinari estará lançando, no dia 28/06/08, na Casa da Cultura, em Lorena, mais um livro da série “**Memórias de Lorena**”, com imagens daquela cidade. Entusiasta de Piquete, o professor convida para o evento, que terá início às 20h.

✓ Idelmo Reis montou, entre 30 de maio e 08 de junho, uma exposição multimídia sobre “Corpus Christi”, com 200 fotos. Resultado dos trabalhos que vem realizando em Piquete, a exposição foi um sucesso.

✓ Está sendo formado em Piquete o “Grupo Natureza Jovem”, que tem à frente Ana Cláudia de Marqui, Carlos Eduardo P. Fernandes, Gleyce Bruna dos Santos, William G. Custódio e Thallita Fernanda de F. Sene. O grupo tem como objetivo promover a troca de experiências entre a juventude piquetense, envolvendo-a nas questões que afetam a comunidade.

Como primeiro projeto, pretende realizar um fórum sobre “voto consciente” com jovens do município. Contato: projetonaturezajovem@gmail.com

Ruth Guimarães e a Máquina Olympia

Joaquim Maria Botelho

Com os originais datilografados de uma extensa pesquisa sobre o demônio na literatura oral, uma moça de 27 anos bateu à porta de uma das residências mais conhecidas de São Paulo: a Lopes Chaves, 546. Atendeu-a, com a serenidade de sempre, o dono da casa. Seguiram-se outras visitas, outros debates, que resultaram na publicação, em 1950, do livro “Filhos do Medo”. Mário de Andrade foi, de certa maneira, preceptor de Ruth Guimarães, no mister da pesquisa folclórica. Não deve ter sido tarefa difícil para o autor de Macunaíma, porque a jovem escritora já estava na estrada literária com “Água Funda”, um romance aplaudido pela crítica da época (leia-se Antônio Candido, Nelson Werneck Sodré, Fernando Góes...). Tinha lançado o romance num evento conjunto, em São Paulo, dois anos antes, ao lado dos amigos Guimarães Rosa e Lygia Fagundes Telles. Desde aquelas tardes na Rua Lopes Chaves, Ruth Guimarães segue martelando a mesma velha máquina Olympia, comprada à prestação. Publicou outros 47 livros, entre contos, pesquisas folclóricas, filologia e traduções do latim, do italiano e do francês. Escreveu crônicas para o jornal Folha de São Paulo durante vários anos, alternando espaço com Carlos Heitor Cony e Cecília Meirelles. Como jornalista militante, fez reportagens para a extinta Revista do Globo e também para a Revista Quatro Rodas. Entrevistou personagens como Érico Veríssimo, lá mesmo, em Porto Alegre, no varandão gaúcho. Foi autora da primeira

crítica publicada a respeito de um jovem e iniciante poeta chamado Paulo Bomfim, hoje decano da Academia Paulista de Letras...

Foto arquivo Pro-Memória



Pois será Paulo Bomfim o escritor que fará o discurso de saudação à Ruth Guimarães na cerimônia de posse dessa guerreira de 88 anos na Academia Paulista de Letras, em agosto próximo. A eleição, realizada no dia 5 de junho, teve ares de consagração: Ruth recebeu 30 votos de 36 válidos.

Ruth Guimarães segue à risca a orientação que recebeu de Amadeu de Queiroz, ainda mocinha: “Escreva todos os dias de

sua vida. Seja o que for. Exercite a sua escritura.” Eu, desde menino, testemunho a obediência de Ruth Guimarães, minha mãe, a esse décimo primeiro mandamento. Ela mantém uma coluna semanal de crônicas no Valeparaibano e prepara os seis livros restantes de uma coleção de nove livros infantis, em que reconta histórias de animais do fabulário paulista (lançou “Histórias de Onça”, em fevereiro, e “Histórias de Jabuti”, no dia 16 de junho, no prédio da antiga Escola Caetano de Campos, na Praça da República. E já mandou “Histórias de Macaco” para a gráfica. Faz conferências sobre folclore e literatura em todo o Estado de São Paulo. E ainda trabalha, diariamente, como chefe do Departamento de Cultura da Prefeitura de Cruzeiro. Nascida em Cachoeira Paulista, no dia 13 de junho de 1920, é a décima terceira representante do Vale do Paraíba na Academia Paulista de Letras, seguindo-se a Almeida Nogueira, Carlos Rizzini, Cassiano Ricardo, César Salgado, Dino Bueno, Gabriel Chalita, J. C. Nogueira Moutinho, Jorge Caldeira, Monteiro Lobato, Péricles Eugênio da Silva Ramos e Plínio Salgado. Os escritores de São Paulo elevaram ao seu cenáculo a figura serena de Ruth Guimarães. E ela promete continuar escrevendo sobre o seu povo, à sombra da velha mangueira, nas teclas da velha máquina Olympia, como os mestres mandaram.

**Crônica publicada no jornal
Valeparaibano, em 08/06/2008**

Banco da Praça

Ruth Guimarães

Agora é que eu sei por que velho gosta demais de sentar num banco de jardim. Ficar sentado lagarteando ao solzinho morno de antes das onze. Temperatura pedindo sombra de árvore. E tanta coisa pra ver! Mas tantas coisas e das mais deliciosas que existem. Primeiro, aquele relógio da torre da igreja matriz, que nunca está certo. E assim mesmo, a cada cinco minutos estamos olhando para cima conferindo as horas. O saibro canta sob os passos que vão e vêm da menininha que corre, perninhas curtas, gordas, cheias de covinhas e de roscas. Da moça de saltos muito altos. Dos colegiais, da mãe com a criança de colo, dos operários que vão para o almoço.

A gente que passa varia. Ora são as mulheres com cestas de compras, apressadas, mas não muito, havendo sempre tempo para uma boa prosa. Ora, à saída ou entrada das escolas, os uniformes em azul e branco.

As cores também mudam. De que cor é o branco da manhã clarinha, recém-lavada da cama do dia? A face ainda molhada do orvalho? De que cor é a cabeleira de fogo do sol, desnastrada pelo céu de água marinha? De que cor o dourado da manhã que adolescerá algumas horas depois?

Os passantes não vêem nada disso. Não viram o broto que espia em cada nozinho dos ramos, há dias sem vida, nem as últimas azaléias brancas escondidas no verde-escuro da folhagem. Nem as onze-horas sorrateiramente se abrirem em ciclame no canteiro em forma de estrelas. Nem que a terra sob as árvores está úmida, limpa e cheirosa, como se o Criador tivesse acabado de fazê-la. Mas não é isso. Claro que não. Não é o ver, é o sentir. É o ser ou o deixar de ser.

Quem passa está ocupado com o porvir e com o fazer. Está com pressa. Vai não sabe onde, fazer ainda não sabe o que. Busca: não descobriu o quê, ansioso e

agitado, pois não descobriu ainda a lição a respeito da desimportância da vida.

Eu sei por que velho gosta de ficar no jardim. Gente precisa de gente para viver. Sorriso de gente também é sol.

Não é bom perguntar a si mesmo ou ao seu vizinho de banco se não é aquela moça bonita e sem juízo? E que fazem as mães que ali estão? E por que motivo o moço colocou um chapéu bem no alto da cabeça e por que parece tão envergonhado: por que não tira o chapéu? E com essas e outras cogitações inúteis, cada um tenta conven-cer a si mesmo e aos outros que ainda não desistiu. Ainda está ali. Ainda vê e participa. Estou aqui, gente. Estou aqui.

Agora eu sei por que velho gosta de ficar no banco do jardim. Não participar é não sofrer. Ninguém pode contra isso.

Com o tempo vem inapelavelmente a sensação de que a vida é afinal uma interinidade um tanto passageira.

Crônicas Pitorescas

Expição afetiva

Palmyro Masiero

Concentrara toda sua força e vontade naquele encontro. Ali estava, na esquina, vendo a rua passar.

Sentia-se tão sem expressão como um “i” maiúsculo isolado. Mas, num instante que não conseguia explicar, resolvera aquilo: e agora, que tinha vencido um mínimo de sua timidez, em pelo menos tentar, não voltaria atrás. Suava! Calafrios passeavam pelo seu corpo, tão ereto quanto era possível pelo pesado fardo de seu acanhamento.

Acendeu um cigarro na bita do outro, que já lhe queimava os dedos. Engolia fumaça, não tragava.

– Afinal de contas, – pensou – não sou obrigado a fazer isso!

E não era; todavia, algo superior às suas forças tentava-o àquilo. Enxugava o rosto a todo instante, num gesto mecânico. Olhava o relógio a cada segundo. Estava quase na hora de acontecer. Mais uma vez ensaiou as palavras que diria.

Resolveu mudar o pensamento e deixar-se à vontade, como se tudo andasse normalmente. Mas não conseguia. Estava gelado! Colocou o cigarro ao contrário nos lábios e soltou um gemido. Esquecera-se do que pretendia dizer.

– Deixaria pra outro dia? – continuou pensando.

Sua reflexão permanecia muda, sem resposta. Nisto, avistou-a. ficou paralisado, mortificado, assorvetado. Cada passo dela em sua direção era como se um estilete fosse lhe penetrando o coração em pequenos trancos. E este dava batidas que deveriam ser ouvidas a léguas. Sua cor era de cera vagabunda. Quase toda parte líquida de seu corpo escorria pelo rosto. Ela chegou:

– Você mandou recado para que eu o encontrasse aqui. Pois não...

O instante era por demais trágico. O calor do inferno envolvia-o. Fitava-a e não a via. Onde se meteram as palavras que havia pouco ensaiara? Aonde teriam ido?

– Sim... – respondeu, como se, desesperado por uma tortura terrível, um

prisioneiro dissesse sua última palavra.

– Pode falar.

Novo tormento. Era sua vez de se pronunciar novamente. Em frações de segundo considerava: conhecia-a do escritório. E se ela achasse graça em sua declaração e comentasse com o resto da turma? Ah! Ele seria obrigado a abandonar o emprego. Morreria de vergonha se tal acontecesse. Largou-se, abandonou-se.

– Soube que você andou falando mal de mim... – disse tremulamente a tolice que logo reconheceu. Teve vontade de se evaporar. Ela iria rir-se dele ali mesmo. Ah! Se caísse um raio!

– Nunca seria capaz de falar mal de você. Uma, porque não o conheço bastante, e outra...

Parou. Ele olhou-a mais valentemente e teve ânsias de gritar-lhe qual era a outra. Já conseguia divisá-la...

– ... Outra – continuou ela abaixando a cabeça – porque simpatizo com você.

Estremeceu. Não, aquilo não era calor do inferno, era do paraíso. Via-se mentalmente ao lado dela nos cinemas, nos passeios...

– Jura? – disse estupidamente.

– Sim. – meigamente ela respondeu.

“Ô idiota, vê se fala algo que se aproveite e não bobagens” – xingava-se a si mesmo lá dentro da cuca.

– Eu também simpatizo muito com você – disse admirando-se de sua coragem.

– Bem – ela falou –, tenho que ir, senão fica tarde.

– Eu também – calhordamente replicou ele.

– Então... Até amanhã.

– Vamos nos encontrar amanhã? – perguntou numa reunião monstro de coragem.

– Você me espera na saída do escritório.

– Está bem. Então, até amanhã.

Ela partiu. Ele ficou... abobalhado. Não sentia a calçada, era algodão. O ar era perfume. Seu corpo, uma bolha alando-se no espaço. Era o único no mundo.

Arrumara sua primeira namorada.

A fabulosa bica d’água

Edival da Silva Castro

Lá pelos idos de 1954, a Prefeitura de Piquete resolveu trazer melhorias para a cidade, com a expansão da rede de saneamento básico, e também, com a incrementação da tubulação do abastecimento d’água. Naquele ano, para se beber água tinha que se recorrer às residências da zona militar.

Quem morava nos arredores da bica da Vila Célia não tinha problema... Era só encher a vasilha e derramar no filtro.

A fabulosa bica d’água da Vila Célia, também conhecida por “Mina”, tem muitas histórias. Lembro-me dela quando sua água brotava no barranco e corria à meia-cana. O dispositivo improvisado ficava muito baixo e, com isso, era complicado encher as vasilhas. Tinha-se que colher água numa caneca para depois levá-la ao recipiente. A demora para se encher uma garrafa era reclamada por todos. Nisso, formava-se fila. Às vezes o tempo passava rápido, quando os marmanjos faziam batuque nas próprias vasilhas. Um sambão quebrava a monotonia da espera.

Quando chegava alguém de carro, um “ti ti ti” tomava conta de todos. A quantidade de vasilhas que ia saindo do porta-malas deixava todo mundo de olhos arregalados. Primeiro, tinha que encher a caneca para depois os recipientes. Aí, a fila esticava...

As obras no subsolo chegaram ao fim e tudo voltou ao normal. Piquete sempre ostentou fama de ter água de boa qualidade. Todos sabem que ela vem da Serra da Mantiqueira em boas condições.

A bica da Vila Célia tem o privilégio de o lençol freático ser inesgotável. Volta e meia, sua água está sendo analisada. Algum tempo atrás, um serviço de alvenaria foi feito e o jato d’água ficou mais alto, facilitando o encher das vasilhas, que não requer mais o auxílio da canequinha.

Ali na bica assisti muitos comícios, danças de roda e delicieei-me com serenatas ao luar. Sempre me curvei sobre ela para tomar água na conchinha das minhas mãos.

Dia Mundial do Meio Ambiente



O Dia Mundial do Meio Ambiente é comemorado em 5 de junho. A data foi recomendada pela Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente, realizada em 1972, em Estocolmo, na Suécia. No Brasil, por meio do decreto 86.028, de 27 de maio de 1981, o governo brasileiro decretou, também, no território nacional, a Semana Nacional do Meio Ambiente.

Acesse, leia e divulgue o informativo

“O ESTAFETA”

www.fundacaochristianorosa.cjb.net

O sumiço do escoteiro

Este é um tema ao qual retorno, seja pela oportunidade em lembrar o evento nas obras do jornalista Rodrigo Nunes, apresentadas em dois volumes comentados e acompanhados dos depoimentos de quem viu e ouviu a investigação do caso e as repercussões deste, e além disso, aceitou falar sobre elas; seja pelas circunstâncias misteriosas em que tal evento ocorreu. Marcante e complexo, o assunto foi intensamente debatido, e até hoje suscita opiniões e conjeturas até agora sem solução. São vários os discursos nas lembranças.

Dia desses, encontrei dois escoteiros devidamente uniformizados à porta de importante livraria em São Paulo, onde chamavam a atenção pelo traje completo, do chapéu às botas, no conjunto cáqui, com o lenço apropriado ao pescoço; e um deles aparentemente o mais velho, com muitas insígnias alinhadas e variadas no peito e na manga. Não pude me furtar em entrevistá-los sobre o caso perguntando-lhes se tinham notícias do ocorrido. Indaguei sobre a versão ou versões disseminadas sobre o acontecimento e de como têm refletido no conjunto dos escoteiros em geral. Ao citar o Marins, eles demonstraram conhecimento do ocorrido, o mais velho referindo-se ao pico como chapadão, o que não é. Não pareceram muito dispostos a tecer comentários sobre o problema e demonstraram sentir-se incomodados com as perguntas.

Ao perguntar como seria possível um escoteiro desaparecer sem deixar traços, demonstraram descartar a idéia de morte, preferindo admitir a possibilidade de fuga ou de desmemorização, o que alegaram não ser incomum.

Comentei sobre os livros e as entrevistas do Rodrigo Nunes e eles nada acrescentaram; nem emitiram qualquer outro juízo além daquela citada hipótese da possibilidade de fuga, alegando ser ela observada em vários casos registrados por depoimentos divulgados na Corporação. Aventurei a hipótese do envolvimento do

chefe Juan Bernabeu Céspedes, e eles olharam-me entre surpresos e conformados. Não emitiram nenhum juízo. Falei-lhes questionando do empenho do Rodrigo Nunes em ir até Manaus para, mais uma

Foto arquivo Pro-Memória



vez, entrevistá-lo, ou aproveitar uma vinda dele a São Paulo para comentar o infausto ocorrido, tendo como resposta a negativa do ex-chefe Bernabeu, hoje afastado do escotismo. Ele sempre opta pela negativa, concluiu o repórter Rodrigo, descartando a hipótese sob a alegação de que o depoimento que lhe cabia já fora apresentado e de que nada mais teria a acrescentar. Esperei pela opinião de meus entrevistados. Aos escoteiros, entretanto, coube uma simples observação: alegaram que, de fato, isso seria muito pesado.

Assim, uma cortina de silêncio parece cair sobre o caso relegando-o ao conformismo dos eventuais processos judiciais

não resolvidos por falta de provas. A lei baseia-se nas evidências com prova. Fiquei, mais uma vez, intrigada com o caso do outro desaparecimento em circunstâncias semelhantes: o do filho do mateiro, o João Carlos, filho do “seu” Afonso Xavier.

Os escoteiros que estava entrevistando não mostraram nem grande interesse, nem grande perplexidade em comentar o sumiço do ex-companheiro, que eles não conheceram. Incluíram-no entre outros desaparecimentos dizendo que essa era considerada uma forma de desertar da corporação, estando, portanto, isentados da necessidade de dar maiores satisfações. Teria sido essa a escolha de Marco Aurélio?

O silêncio sobrevindo às versões do fato reforça o que seria, provavelmente, uma necessidade de resistência. Para os investigadores da História Oral, essa atitude é importante, pois a memória individual, assim como a memória coletiva, acabam por criar estereótipos e dar a um fato diferentes versões. São as lembranças selecionadas pelos envolvidos no caso que prevalecem, dado que confiamos nos depoentes, pois são os que viveram e presenciaram os acontecimentos. Portanto, os discursos repetidos por estes são os que alimentam a chamada confiança social. É o que nos lembra Ecléia Bosi em *O tempo vivo da memória*. Afinal, quando o silêncio começa a substituir as interpretações e as leva ao esquecimento, no dizer de Eni Orlandi em *As formas do silêncio*, constitui-se uma “política do silêncio”, definida pela observação de que, ao dizer algo, uma justificativa, por exemplo, “*apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mas indesejáveis em uma situação discursiva dada*”. A motivação do silêncio, que depois colabora com o esquecimento, vela o indesejável ou mesmo o interdito. No decorrer do tempo o “*silêncio signifi-cante*” protege e resiste. As várias formas de silêncio embutidas nessa história apagam o indesejável.

Dóli de Castro Ferreira

Em 2008, as dez mais de Piquete...

Não... Não é uma lista nos moldes de Ibrahim Sued... Até seria interessante listar as “dez mais belas, ricas, elegantes...” de nossa cidade, mas não é o caso.

Há alguns anos, Abigayl Lea da Silva, uma das grandes pensadoras de Piquete (estaria certamente entre várias listas das dez mais...), publicou, no “Estafeta”, um texto intitulado “As dez mais”. Nele falava de mulheres que se tornaram mundialmente conhecidas em função das atitudes, do caráter, da coragem... Não me lembro de seus nomes, mas certamente não foram citadas em listas do “jet set” como “mais ricas” ou “mais elegantes”...

Uma cidade sempre tem personalidades que merecem destaque e Piquete não é diferente. Então, no mês em que comemoramos seus 117 anos, inspiro-me em Abigayl Lea para resgatar algumas dez mais da Cidade Paisagem.

No início do século passado, quando Piquete era ainda bebê, os homens lideravam. Mas, se revisarmos a história, encontraremos muitas mulheres que se destacaram... Ao longo dos novecentos, a história se repetiu... Donas de casa, empreendedoras, escritoras, vanguar-

distas... Enfim, seriam muitas as que poderiam constar de listas das “dez mais”. Vamos, então, dar um salto no tempo... Avancemos até os dias atuais... Quem colocá-riamos em nossas listas das “dez mais”? Ainda há muitas que lutam por Piquete. As áreas ou os motivos pelos quais se destacam se ampliaram. Voltemos os olhos para nossa comunidade religiosa, para a saúde, para a política, para o judiciário, para a educação, para as artes... Encontramos sempre uma mulher de destaque. E o destaque, na maioria das vezes, significa que essa mulher trabalha não somente para si, mas para a comunidade em que vive. Esse é o ponto em comum que me lembrou as dez mais de Abigayl Lea: o resultado do trabalho de quaisquer dez, cem, mil ou milhão de “mais” é sempre em prol do próximo; é sempre uma prova de amor ao ser humano. E não são necessários grandes atos para isso. Todos temos alguém com maiores necessidades do que as nossas; não me recordo exatamente de um ditado, mas seu significado me é muito claro: ninguém tem tão pouco que não possa ceder alguma coisa. Aí está a beleza da solidariedade, da compaixão, da abnegação...

Quando me questionei sobre as “dez mais de Piquete”, fui procurando possíveis nomes atuais e da história de nossa cidade. Desisti porque não encontrei? Pelo contrário... Foram muito mais do que dez os nomes que me vieram à memória. Do passado, lembrei-me de poucos, por desconhecimento e falta de pesquisa. Dos atuais, incontáveis. Exemplos de competência, sucesso ou altruísmo em Piquete são muitos, caros amigos. E se é assim, temos que acreditar que Piquete ainda se tornará uma cidade em seu mais rico significado, como diz muito bem o padre Fabrício Beckmann (também um dez mais...) em artigo desta edição do Estafeta: uma cidade de pedras vivas, com cidadãos que, independentemente de sexo, merecem compor qualquer lista de “dez mais”, por suas atitudes, caráter, coragem...

No aniversário da cidade, façam suas listas das “dez mais”. Não apenas das mulheres, mas das “pessoas dez mais”... Todos perceberão que não nos faltam exemplos a ser seguidos e que podem – e vão – contribuir para o sucesso e desenvolvimento de Piquete.

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Foto arquivo Pro-Memória



O grande desafio de Piquete é tornar-se cidade

Pe. Fabrício Beckmann

Quando ouvimos a palavra cidade, logo pensamos em espaço territorial, em ruas e edificações. Mas esta palavra possui um conteúdo mais amplo e mais rico. Cidade origina-se da palavra latina *civitas*, uma tradução do termo grego *polis*, termo que se refere a um complexo demográfico, isto é, a um agrupamento de pessoas em convivência social. Uma cidade é, na verdade, o grupo de cidadãos que constrói uma cultura própria, um jeito peculiar de ser; produz seus próprios costumes, seus códigos morais, sua religiosidade, suas narrativas históricas, seu universo de símbolos, que só possuem significado para os que pertencem ao grupo de convivas. Cidade é, portanto, algo vivo e dinâmico, é a vida, a história do povo, dos cidadãos e cidadãs.

O grande desafio de Piquete, após 117 anos de dita emancipação política, é se consolidar e se manter como uma autêntica cidade. Isto não se faz somente com construção de praças, calçamento de ruas, edificação de prédios públicos, reformas e embelezamento do espaço físico, por mais bem-vindas que sejam essas coisas. Consolidamo-nos como uma cidade preservando o rico patrimônio cultural que foi construído por muitas gerações de cidadãos e que nos caracteriza como piquetenses; e também dando ao nosso povo condições de avançar, de levar a própria história adiante, continuando a constituir o próprio mundo, sendo artífice da própria cultura e não se deixando alienar por ninguém.

Para que isto seja uma realidade é necessário o esforço de todos e a implan-

tação de um projeto político que tenha como prioridade o desenvolvimento dos cidadãos como pessoas críticas, pensantes, portadoras de valores, capazes de contribuir com o desenvolvimento da cidade, de criar soluções para os problemas. Cidadãos que sejam homens e mulheres conscientes de seus direitos e comprometidos com o cumprimento de seus deveres; que saibam, com clareza, que são a cidade de Piquete e não meros moradores.

Raramente, porém, este conceito de cidade é presente entre nós. O que vemos é a concepção de cidade como mero espaço físico. Penso que nestes 117 anos investimos muito e priorizamos em demasia as edificações de nosso município. Talvez seja o tempo de valorizar mais as pessoas, promover e incentivar a cultura, tornar acessível a formação profissional, melhorar a educação das crianças e dos jovens, criar estrutura para o cuidado com os mais vulneráveis. Uma cidade humana bem cuidada encontra caminhos sustentáveis para melhorar seu espaço físico, tornar seu ambiente saudável e aumentar a qualidade de vida de todos os cidadãos.

Seria muito bom que nos próximos anos pudéssemos perceber esta mudança de mentalidade. Só existe emancipação política verdadeira de uma cidade quando cada cidadão se torna emancipado politicamente e passa a ter condições de participar com críticas e sugestões no destino do conjunto de cidadãos que é a cidade. Isto é o que desejo que aconteça cada vez mais em nossa tão querida Piquete.

Águres

Abigayl Lea da Silva

Em Roma, antes de tomar decisões importantes, na guerra ou na paz, os cônsules, os tribunos, os senadores, os generais consultavam os águres, sacerdotes que previam os acontecimentos a partir do canto e do vôo das aves.

O vocábulo nos deu uma série ligada ao significado de adivinhação, de desejo, de prognóstico: augúrio, agouro, augurar, inaugurar.

Estamos em um recomeço. Todo aniversário é uma parada para traçar novos rumos. Para pesar os prós e os contras.

A cidade volta-se para o marco inicial. Emancipação. Vocábulo majestoso. Traduz conquista. Mas agrega enorme responsabilidade. A memória vai fluindo. Uma conquista aqui, uma derrota ali. Lá uma ajuda decisiva. Acolá um obstáculo intransponível.

Ei-la em 2008. Piquete continua merecendo sua emancipação? Piquete age como senhora do próprio destino?

Nos parâmetros atuais, o esforço tem sido recompensador. O mundo clama por água. O povo piquetense tem água de boa qualidade. O mundo clama por ar puro. O povo piquetense não destrói suas matas, cuida do reflorestamento, protege as nascentes e recompõe a mata ciliar.

O Brasil revela um grande atraso no item tratamento de esgoto. Cidades de orçamentos privilegiados continuam expondo sua população a doenças que seriam facilmente controladas se o poder público não desviasse verbas para obras menos importantes.

A cidade tem agora a grata satisfação de ver as autoridades procurando completar o ciclo do saneamento básico.

A tecnologia avança neste particular. Os biodigestores mudam para melhor, facilitam a implantação de meios locais de tratamento de efluentes.

Na zona rural, temos a fossa biodigestora, que ainda produz fertilizante. Na suinocultura, o biodigestor pode produzir energia para a propriedade.

Na zona urbana, é o lixo que o biodigestor usa para produzir energia.

Quanto conhecimento à disposição! Que tal uma escola técnica ambiental para a nossa aniversariante?

Piquete merece abrigar uma unidade escolar voltada para a sustentabilidade, para servir de modelo aos que desejam inverter o processo de destruição que tomou conta do planeta.

Feliz aniversário, Piquete! Bons augúrios!



A Fundação Christiano Rosa parabeniza os poderes constituídos e toda a comunidade piquetense pela passagem do 117º aniversário de emancipação político-administrativa do município.